

Sátira e lamento: os contos de João Melo

Satire and lament: the short stories of João Melo

António Manuel Ferreira

CLC, Universidade de Aveiro
antonio@ua.pt

Palavras-chave: João Melo, literatura angolana, frustração, conto.

Keywords: João Melo, Angolan literature, frustration, short story.

1. Nas literaturas africanas escritas em português, a história e a política são, muito naturalmente, duas estruturas semânticas fundamentais. Durante o colonialismo, a literatura funcionou como fator de libertação, em concomitância com as tentativas de elaboração dos contornos teóricos da nacionalidade. Nas décadas da pós-independência, os percursos artísticos têm sido variados, e afiguram-se particularmente interessantes aqueles que retomam a história e a política como meios de questionação da contemporaneidade. Passa-se assim da afirmação eminentemente politizada do espírito do povo (*Volksgeist*) para a configuração do espírito do tempo (*Zeitgeist*) que, tendo igualmente características políticas, amplia o campo de indagação, convocando as áreas da antropologia, da religião, da ética e também dos estudos literários.

No que diz respeito à literatura angolana, Pepetela tem sido, no domínio do romance e da crónica, um exímio cultor desta tendência cultural. E João Melo é, em meu entender, um contista que, de forma consistente, tem construído uma obra marcada pela coerência temática e por uma apreciável reflexão teórica.

Trata-se, com efeito, de um narrador sofisticado, porquanto a sua arte narrativa contempla, ao mesmo tempo, a pragmática da narração e a poética do conto. É por isso que se pode falar da contística do autor, em termos semelhantes ao que se pode dizer de Miguel Torga ou Machado de Assis, dois grandes mestres do conto em língua portuguesa. Assim, por exemplo, no *incipit* de “Uma estória edificante”, um texto inserto no livro *O Homem que não Tira o Palito da Boca* (2009), João Melo escreve o seguinte: “Esta estória conta-se em três penadas. Para tanto, o narrador evitará descrições, rodeios, floreios e enfeites inúteis e desnecessários. O relato tentará, assim, ser nu e cru, como a vida” (Melo, 2009, p. 155).

João Melo também é poeta, e ainda não publicou textos romanescos. Este facto é muito interessante, porque, pelo menos desde o século XIX, quando

começou a desenvolver-se sistematicamente a teoria do conto, tem prevalecido a tendência para aproximar conto e poesia, deixando de lado a magnitude devoradora do romance. Em 1898, a escritora espanhola Emilia Pardo Bazán já afirmava, no prólogo aos seus *Cuentos de amor*, que notava uma “particular analogía entre la concepción del cuento y la de la poesía lírica” (*apud* Nuñez, 1986, pp. 32-33). Muitos anos mais tarde, o escritor argentino Julio Cortázar reafirma a mesma opinião, quando considera não haver diferença genética entre o conto breve contemporâneo “y la poesía como la entendemos a partir de Baudelaire” (Cortázar, 1993, p. 405).

As considerações de Pardo Bazán e de Cortázar questionam a génese da criação literária, a partir do autor; mas é evidente que esse facto acaba por implicar, necessariamente, a natureza do texto e os níveis de interferência do leitor. É, portanto, nos três planos fundamentais da comunicação literária (autor, texto, leitor) que se deve questionar a aproximação entre conto e poesia.

No caso de João Melo, as derivas teóricas têm que ver, fundamentalmente, com a distinção entre autor e narrador, e essa indagação acaba por convocar a figura do leitor, bem como a matéria do texto. Deste modo, no já citado conto “Uma estória edificante”, podemos ler a afirmação seguinte: “Ao contrário de outros narradores, não acredito que literatura seja história e muito menos sociologia ou psicologia. Não perderei tempo, portanto, a tentar explicar a origem e os fundamentos dos problemas raciais em Angola” (Melo, 2009, p. 156). Esta explicação é pertinente, porque, no parágrafo anterior, o núcleo temático do conto é abruptamente sintetizado com estas palavras: “Margarida era uma mulata racista. Não gostava de pretos” (Melo, 2009, p. 156).

Ora, a distinção entre autor e narrador é, neste contexto específico, teoricamente muito rendosa, porque o responsável pela narração parece eximir-se ao controlo do autor. Na verdade, embora João Melo possa hipoteticamente pensar que a literatura não é “história e muito menos sociologia ou psicologia”, a verdade é que esses domínios fazem parte da sua obra. Este narrador não simpatiza, declaradamente, com a sua personagem principal, e, por esse motivo, quer fazer um relato muito breve, de modo a poder castigá-la: “É fácil perceber, creio, que eu a detesto. Por isso, tenho vontade de puni-la” (Melo, 2009, p. 160). A rapidez com que o narrador pretende punir a personagem não o impede, no entanto, de ir aludindo às questões que configuram a cosmovisão autoral. E então surgem no conto a história, a sociologia e mesmo a psicologia. Veja-se, por exemplo, a passagem seguinte: “A independência chegou. Aos poucos, os pretos começaram a mandar. Margarida sofria” (Melo, 2009, p. 158).

No final do texto, o racismo da personagem mudará de cor, mas o que interessa neste momento é a mútua implicação entre autor e narrador, porque ao justificar o seu cansaço, e ao defender, por conseguinte, a brevidade contística, o narrador assume a voz do autor quando faz esta constatação: “Muitos têm caído na tentação de passar de vítimas a algozes. Parece mais fácil imitar os antigos opressores do que inventar uma nova civilização” (Melo, 2009, p. 155). Segundo julgo, estas afirmações constituem, em grande medida, uma síntese das indagações elaboradas por João Melo. E é no livro *Os Marginais*, publicado em 2013, que

melhor se verifica a persistência temática, que permite reconfigurar as questões histórico-políticas da sociedade angolana.

2. O título integral do livro é o seguinte: *Os Marginais e outros contos*. Entre parêntesis e com outro tipo de letra, surge ainda esta frase: “Destrutivas evidências supostamente irrefutáveis”. A primeira parte do título constitui uma das formas mais anódinas de titulação de volumes de contos, porque retoma a designação de um dos textos constitutivos do livro. Note-se, todavia, que embora o processo seja pouco criativo, o rendimento pragmático não é negligenciável, porquanto “Marginais” é um termo muito forte, e só percebemos verdadeiramente o seu significado quando terminamos a leitura do último texto, sendo obrigados, então, a reconsiderar os contos todos.

Com efeito, o último conto intitula-se “Os Marginais”, e pensando na atenção que João Melo presta ao quotidiano de Angola, não apenas na narrativa, mas igualmente na poesia, não seria estranho que o texto tratasse, efetivamente, da questão da marginalidade, como acontece, por exemplo, em muitos contos do escritor brasileiro Rubem Fonseca. Todavia, já muito perto do remate, uma das personagens elucida-nos acerca do significado de marginalidade:

Discordo, pois, de ti, quando dizes que nós somos os “marginais históricos”, condenados para todo o sempre a falar apenas para si mesmos, tautologicamente, o que é mais trágico e absurdo do que gritar no deserto. (Melo, 2013, p. 166)

A noção de marginalidade tem, por conseguinte, um conteúdo inteiramente político, que só pode ser devidamente compreendido se tivermos em conta a importância da história na obra do autor. Embora a palavra “marginais” denomine o último conto, o facto de ser aproveitada para título do volume acaba por contaminar os restantes textos.

Na verdade, as personagens que povoam o livro são, de uma forma ou de outra, figuras que compartilham alguma forma de marginalidade, quer se trate, por exemplo, da mulher casada que procura uma aventura sexual que a resgate do marido, “Pacato como os móveis simetricamente dispostos no escritório onde trabalhava” (Melo, 2013, p. 39), ou se trate, como acontece na maior parte dos casos, da desilusão perante a ética do “homem novo” que deveria ter sido construído pelo socialismo. E é desta questão que deflui a estética satírica e, ao mesmo tempo, lamentosa de João Melo.

Ao longo do livro é recorrente a constatação de que “os caminhos comuns morreram” (Melo, 2013, p. 29) e de que a ideologia foi trocada pelo capital (Melo, 2013, p. 93). No conto “Dialética e Poder”, diz-se, entre outras coisas graves, que “Os novos tempos [...] chegavam manchados de sangue, mas também de lama” (Melo, 2013, p. 83), e o homem novo sonhado pelas utopias libertárias “tinha-se transformado num predador implacável” (Melo, 2013, p. 84). Estamos, portanto, perante contos marcados por um realismo desassombrado, que denuncia a deterioração dos ideais que animaram a conquista da independência de Angola. O homem novo pós-colonial e socialista depressa se transformou no novo patrão, exacerbando a imitação dos antigos colonizadores. Num dos contos mais for-

tes do livro, sintomaticamente intitulado “Esplendor e frustração”, podemos ler passagens como esta:

[...] os novos senhores, ignorantes e insensatos, provocavam a tempestade com as suas mansões de mau gosto erguidas como ofensas no meio do lixo, os seus arrogantes veículos de aço reluzente e linhas arrojadas, as suas amantes escarlates e sumptuosas. (Melo, 2013, p. 72)

A rendibilidade semântica do discurso satírico permite a João Melo traçar um retrato grotesco dos novos senhores de Angola, um pouco no seguimento da tradição realista queirosiana. É claro que quando Eça de Queirós aponta os defeitos da sociedade portuguesa que melhor conhecia, a sua intenção não é apenas provocar o riso. A ironia de Eça tem um fundo amargo que também já se encontra nas recriminações camonianas em passagens mais pessoalizadas de *Os Lusíadas*. Eça e Camões criticaram os portugueses, porque gostavam de Portugal. O mesmo se passa com João Melo em relação a Angola. E, para regressar à aproximação entre conto e poesia, talvez o lamento de João Melo tenha algo de camoniano.

Na verdade, em *Os Lusíadas*, o discurso lamentoso surge quando o narrador dá lugar ao poeta, ou seja, ao autor, que paira como figura agregadora e contemplativa do princípio ao fim da epopeia. De igual modo, apesar de toda a sofisticação narrativa, o autor João Melo também não consegue desligar-se da matéria dos seus contos. E tanto no poeta como no contista o motivo da intrusão autoral é o mesmo: ambos se sentem pessoalmente empenhados e defraudados.

Ao rever a História de Portugal, sobretudo através do discurso esforçado de Vasco da Gama, Camões acaba por duvidar do caráter autenticamente egrégio dos barrões assinalados, dando-nos motivos para desconfiarmos do otimismo inflamado que caracteriza a Proposição do poema. É como se nos dissesse que a excelência heroica continua a ser corporizada em Alexandre e Júlio César, em detrimento dos portugueses. E João Melo, revisitando a História recente do seu país, através dos seus narradores e das suas variegadas personagens, também acaba por concluir, como diz no primeiro conto de *Os Marginais*, que nos anos da esperança juvenil, os entusiastas da libertação ainda não sabiam que “inesperado ou diferente não quer necessariamente dizer novo e muito menos renovado ou redentor” (Melo, 2013, p. 14).

A transformação dos heróis em generais e a diluição dos sonhos socialistas em amargas injustiças do capitalismo selvagem justificam a tonalidade lamentosa do discurso satírico do contista. Do outro lado de África, em Moçambique, a romancista Paulina Chiziane parece partilhar o mesmo desalento quando, no importante romance *O Alegre Canto da Perdiz*, constrói uma personagem que diz estas palavras:

Libertaremos a terra, sim, mas jamais seremos senhores. Os governadores do futuro terão cabeças de brancos sobre o corpo negro. Nesse tempo, os marinheiros já não precisarão de barcos, porque terão construído moradas seguras dentro da gente. O colonialismo habitará a nossa mente e o nosso ventre, e a liberdade será apenas um sonho. (Chiziane, 2008, p. 171)

Resta o povo, com a sua amargura e capacidade de resistência. E nesta conclusão, creio bem, João Melo encontra-se, em perfeita companhia, com Camões e Eça de Queirós. Os dois escritores portugueses fazem parte do cânone eurocêntrico; o escritor angolano, situando-se na periferia dessa constelação, não ocupa, todavia, um lugar de marginalização. Constitui, muito pelo contrário, um dos fundamentos da necessidade de expandir a exemplaridade contística.

Referências bibliográficas

- Chiziane, P. (2008). *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho.
- Cortázar, J. (1993). Del cuento breve y sus alrededores. In C. Pacheco et al. (Ed.), *Del cuento y sus alrededores* (pp. 397-407). Caracas: Monte Avila Latinoamericana.
- Melo, J. (2009). *O Homem que não tira o palito da boca*. Lisboa: Caminho.
- Melo, J. (2013). *Os Marginais e outros Contos*. Lisboa: Caminho.
- Núñez, J. P. (1986). *Algunos aspectos del cuento literário – contribución al estudio de su estructura*. Granada: Campus Universitario de Cartuja.

Resumo

Nas literaturas africanas escritas em português, a história e a política são, muito naturalmente, duas estruturas semânticas fundamentais. Durante o colonialismo, a literatura funcionou como fator de libertação, em concomitância com as tentativas de elaboração dos contornos teóricos da nacionalidade. Nas décadas da pós-independência, os percursos artísticos têm sido variados, e afiguram-se particularmente interessantes aqueles que retomam a história e a política como meios de questionação da contemporaneidade.

Abstract

In African literatures written in Portuguese, history and politics are, of course, two fundamental semantic structures. During colonialism, literature functioned as a liberation factor, in concomitance with attempts to elaborate the theoretical contours of nationality. In the decades of post-independence, artistic paths have been varied, and those who take history and politics as a means of questioning contemporaneity are particularly interesting.